

-ESTAMOS EN PROBAS-
Mándanos as túas sugerencias

Foro de opinión
Intercambia opiniões con outros lectores.

Queres colaborar?
Mándanos os teus artigos

Omnibus non se responsabiliza das opiniões dadas polos seus colaboradores/as.

Prohibida a súa distribución con fins comerciais. Se deseja reproducir a páxina nun galón medio de comunicación, consulte primeiro co autor/a.

Suscríbete á Omnibus
Recibe no seu correo os novos artigos aparecidos na omnibus.

nome
e-mail
Enviar

Fotomnibus
"Onírico"


Expón as tuas fotos na galería virtual da Omnibus.
Neste número, o tema é "A xanela indiscreta"....

A debate

4 Política

Éxodo, emigraçom, exilio. Bio-política d@s perdedor@s e qüestom nacional

Raimundo Viejo Viñas

Em continuidade co desenvolvemento de umha idea de Galiza como "Naçom constituinte", analisam-se os desenvolvimentos políticos em curso e se advierte do risco que pode supôr umha deriva constitucionalizadora da insurrecção da multitude sob a base da institucionalización das loitas do Prestige, contra a guerra e demais. Num contexto tal, asegura-se, a bio-política d@s perdedor@s expressada pola opçom estratégica da "saída" (éxodo, emigraçom, exilio) diante da situación de crise actual (opçom nom só legítima, mas chamada desafortunadamente a intensificar no futuro) apresenta-se como contribuçom à superaçom do presente estado das cousas antes que como afirmaçom da Galiza realmente existente.

Nestes días de mobilizações múltiples, contra a maré negra do Prestige, contra a guerra por vir no Iraq, etc., um argumento está-se a fazer recorrente nas análises do que acontece: @s galeg@s já nom emigram; loitam, mobilizam-se. Pensado desde umha idea de Galiza que ve a sua constituiçom como Naçom exclusivamente em clave etno-territorial, este argumento agocha um duplo perigo que arrisca com estragar o pulo constituinte das mobilizações em curso: por unha banda, pensa-se, a participação política conducir-nos há a incrementar progressivamente a nossa própria soberanía, particularmente si as mobilizações tenhem umha traduçom direita na composição da representación política detentada polo PPdeG; pola outra, asume-se, somos por fim umha comunidade politicamente acabada, finalmente auto-governada, ou, por lembrar aquí a leitura de Ortega que nom no seu dia nos fixo um dos próceres da Pátria: estamos no caminho de ser umha naçom "vertebrada". Nada mais falso que senhas asunçons, mas vaimos por partes para ver porquê isto é así.

En efecto, se olhamos para alguns dos indicadores mais elementais da participação política, constatamos que no evoluir da nossa história recente, fai-se-nos obrigado falar de umha auténtica transformación de boa parte dos nossos comportamentos políticos e, por ende, da nossa cultura política. Assi, por exemplo, desde os malfadados começos do Estatuto de Autonomía até hoje, a abstención electoral nom deixou de baixar, a tal punto que, no presente, adoita acontecer que superamos as meías de participación electoral estatais. Sem este crecimiento electoral, por certo, nom se comprenderiam os éxitos do BNG na década passada. Asemade, se recapitulamos a vaga de mobilizações na que nos achamos inmers@s poderemos comprovar que Galiza está a ser um dos epicentros fundamentais dos recentes processos de mobilización: a Folga Xeral Nacional do 15-J, as mobilizações contra a LOU, contra a maré negra do Prestige ou contra a guerra no Iraq, todos estes ciclos de loita ponhem de manifesto até que punto somos um dos epicentros mobilizadores no conjunto Estado. Todos estes datos som a evidéncia da emergéncia de um poder constituinte que, embora os apóstolos do galeguismo de matriz etno-territorial, nom tem nada que ver com um devir da Galiza-Estado, mas da Galiza-Naçom constituinte.

Para comprender porquê isto é así, cómpte libertar à Naçom da sua concepción etnoterritorial (Galiza como comunidade política prefigurada por umha serie de características diacríticas como a lingua galega que falamos, o sangue que nos une aos nossos devanceiros, a historia que estes viviron e nos transmiten por via da reproducción biológica, etc.). De feito, no entanto circunscribamos as possibilidades políticas do galeguismo a estes límites, estaremos cercenando a potencialidade do poder constituinte que integramos na nossa condição nacional. Só na medida em que pensemos Galiza como negaçom superadora da idea de Espanha como Estado nacional só na medida em que nos imaginemos en quanto que parte (e non totalidade) integrante da multitud, acadaremos o horizonte ontológico que require a propia libertación nacional. Aqui, justamente, é onde cómpte recategorizar por completo o encerro comunitario identificado como causa prima da nossa autonegación política como Naçom. Dito connoutras palabras: nom é porque já nom emigrámos (cousa que, aliás, é falsa) que, ao cabo, estamos por fin em condicóns de loitar pola libertación nacional.

Sobe á Omnibus

Vente de viaxe coa omnibus. Podes ser un pasaxeiro, mecánico, conductor, copiloto, etc... Hai moitas maneiras de participar e colaborar.

e-books Omnibus

Descarga totalmente gratis o e-book "La primera luz". En e-books Omnibus poderás disfrutar das mellores lecturas en formato electrónico.

Outros artículos do Nº

Non hai más artigos en esta sección

Noutros Números.

Non hai más artigos en esta sección

Top

■ Artigos + visitados

1. Por que atraso
2. 'Patafísica e Poesía. Entrevis
3. A segunda vinda da Psicofónica
4. Apresentación da nova revista
5. Leite Vama e Cola-Cao. Enccontro

■ Ligazóns + visitados

1. <http://www.rebelion.org/econo>
2. <http://www.rebelion.org/econo>
3. <http://www.galeon.com/bvchoms>

■ Documentos + visitados

1. [documentos/chancleta2.pdf](#)
2. [documentos/lssice.pdf](#)
3. [documentos/Linguis_e_dialectos](#)



Libros

De feito, na era da globalizaçom, as estatélicas políticas colectivas que Alfred O. Hirschman identificava como "saída" (da empresa, organizaçom, Estado, etc.), isto é, o exodo, a emigraçom ou o exílio, também constituem, e graças ao grande sacrifício pessoal que comporta esta estratégia (inducido, vontário ou obrigado), a Naçom. (Nota politolóxica: até tal ponto "saída" e "voz" non se contrarestam segundo as pautas do célebre modelo da balanza, que o próprio Hirschman houvo de reconhecer a validez do que aquí afirmamos num caso no que o seu interesse pola política constituinte levava até o límite a sua conceiçom da política segundo a lógica do poder constituído, a saber: a crise terminal do Estado germano-oriental).

E isto porque quando menos desde que Sièyes escrevera Qu'est-ce que le Tiers état?, sabemos que no momento dialéctico que comporta o antagonismo nacional, a Naçom constituinte, isto é, a Naçom sem Estado, mas também sem vontade por devir Estado, constitue-se forçosamente como "parte em conflito" (Partei nos termos de K. Marx e F. Engels) ou "partido" nacional (a non confundir com unha organizaçom determinada), e como tal, na sua auto-produçom como subiectividade constituinte, desencaeda a superaçom do presente estado das cousas. Por isto mesmo, na medida en que a própria definiçom política de Galiza resulta do desenvolvimento da loita de classes, o sacrificio assumido polos que "saem" non comporta o cercenamento da emergênciia do poder constituinte. Moi pola contra, o que fai a saída é impedir a constitucionalizaçom da Naçom como Estado nacional. Velaqui porque na era da globalizaçom, a bio-política d@s perdedor@s segue a ser motor da propia libertaçom nacional: desde Castelao até @s emigrant@s anónim@s, quem marchou forçad@ pola miséria, obrigad@ polas circunstâncias políticas, ou, simplemente impulsad@ pola indignaçom sonhadora contribuírom a construir Galiza, pese o que pese aos apóstolos das comunidades etno-nacionais puras, aos senhores dos holocaustos e as limpezas étnicas ou aos patronos que seguem a se procurar um exército de reserva co que continuar a lhe zougar o sangue ao trabalho asalariado.

Genève, Galiza-exterior, Idus de marzo de 2003

Páxina 1



A Valoración media:

Título

Comentario [máis...](#)

Autor [email](#)

[máis opinións](#)

 a túa opinión

